

A VIOLÊNCIA DO EKWENDJE NA CULTURA DA TRIBO OVIMBUNDU

Adriano Mussunga Mendes, Doutorando da Universidade Argentina John F. Kennedy em Buenos Aires, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo/ UNASP – Campus 2 Engenheiro Coelho-Brasil, Graduado em Psicologia, pela Universidade Agostinho Neto de Angola, no Centro universitário de Benguela (CUB) em Ciências de Educação. Docente Universitário no Instituto Superior Politécnico Maravilha em Benguela e do II Ciclo Ensino Médio, Escola de Formação de Professores em Benguela-Angola.

mussungamendes@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objectivo explicar os procedimentos usados durante a prática da cultura ekwendje na tribo Ovimbundu. Foram realizadas entrevistas com pessoas que passaram pelos procedimentos da cultura e praticantes, bem como a revisão de obras sobre a violência. As falas foram analisadas e comparadas com a experiência do pesquisador da mesma tribo. Concluiu-se que apesar do ekwendje ser uma cultura da tribo, os procedimentos usados para a sua prática são violentos, embora não estejam a vista de todos devido a sua natureza e o local onde se realiza.

Palavras-chave: Violência, Ekwendje, Cultura.

ABSTRACT

This work has an objective to explain the procedments used during the practice of ekwendje culture in tribe Ovimbundu. There were realized interview with people that passed by procedments of culture and

practice's, as well as the revision of work about violence. The talks was analyzed and separated with an experience of searchers in the same tribe. We came to the end that in spite of ekwendje being a culture of tribe, the procedments used for this practice are violentos though aren't being in a view of everybody due to his nature and a place where realize.

Key- words: Violence, Ekwendje, Culture

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo explicar los procedimientos usados durante la práctica de la cultura ekwendje en la tribo Ovimbundu. Fueron realizados entrevistas con personas que pasaran pelos procedimientos de la cultura y practicantes, bien como a revisión de obras sobre la violencia. Las hablas fueron analizadas y comparadas con la experiencia del investigador de la misma tribo. Concluyese que a pesar del ekwendje ser una cultura de la tribo, los procedimientos usados para su práctica son violentos, embora no están la vista de todos debido a su naturaleza y el local donde se realiza.

Palabras – Llave: Violencia, Ekwendje, Cultura

1 INTRODUÇÃO

O homem é o único ser com cultura, desde o seu nascimento está integrado a ela, a partir de outras formas de comportamento que encontra no mundo. Das possíveis maneiras de iludir as influências da moral e a sociedade sobre a mente

humana, a mais corrente é a de fazer responsável das diferenças de comportamento e carácter, a diferenças naturais inatas (MONTAGU, 1983). A agressividade do homem não é uma reacção senão uma resposta. O homem não nasce com carácter agressivo. A violência do ekwendje na cultura da tribo Ovimbundu é resultado de um estudo feito junto das pessoas que dominam a referida cultura, para ajudar a compreender os procedimentos adoptados durante o ekwendje. Por isso para esta abordagem consideramos o termo geração como “os membros de uma sociedade que nasceram aproximadamente numa mesma época, aparentados ou não por laços de sangue” (FGV, 1986), portadora de uma tradição e transmitida a outra geração vindoura. Para facilitar o entendimento apresenta-se em seguida a definição de alguns termos usados no trabalho:

Ekwendje: é uma das culturas praticadas pela tribo Ovimbundu;

Okayongo: é uma festa organizada pelos indivíduos que praticam ou comungam na tradição ekwendje, em memória de um dos seus colegas quando este morre e usa-se batuque para o efeito com a participação de tchingandji (palhaço);

Otchitelengo: é também uma festa de celebração a memória de um ente querido praticante da cultura tradicional ekwendje, semelhante a okayongo, mas que usa-se um tronco no lugar do batuque, tocando com pauzinhos ou uma garrafa vazia em vez do tronco. Com canções próprias entoadas pelos principiantes já em meados do ekwendje, ou seja, aqueles que se encontram no processo de cura (Otchindanda).

O Objectivo do presente trabalho é explicar os procedimentos da cultura ekwendje praticada pela tribo Ovimbundu na Província do Huambo, região centro de Angola.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CULTURA EKWENDJE

Toda e qualquer sociedade é detentora de uma cultura (tradição), que pode ser originária dos povos indígenas ou resultado da civilização, imposta pela colonização de outros povos (inculturação). Assim, ekwendje ou evamba é uma cultura própria do povo Bantu, praticada antes, durante e depois da ocupação europeia que o País conheceu. Esta tradição é praticada por todos os grupos etnolinguísticos de Angola, desde os Ovimbundu, Bakongo, Lunda-Tchokwé, Nganguela, Nhaneca-Humbe, e Kwanhama. Com base no dialecto falado por cada

grupo, assim o termo ekwendje (em relação aos homens, kavíula em relação as mulheres) para os ovimbundu, recebe outra denominação como por exemplo no grupo Nhaneca-Humbe é “efuko ou kufekãla, ou ainda angolo” para as mulheres (HINGOMBE, 2013), em Lunda-Tchokwé é Mukanda para os homens e Muali para as mulheres (TCHAMBENO, 2013), em Nganguela chamam Livamba específico para homens (KASSANGA, 2013), os Bakongos que falam Kimbundu denominam Utinika, usado só para homens (DOS PINTOS, 2013), tchela lichuto em fyote região mais a norte de Angola. Todos os homens passam por esta fase do ritual durante a adolescência e as mulheres quando preferirem, sem obrigação da pressão social. Actualmente, devido ao fenómeno globalização os adolescentes e jovens das grandes cidades já não cumprem com os pormenores do ritual, mas são cortados nas unidades sanitárias por técnicos de saúde.

3 ANTECEDENTES E FUNDAMENTOS DA VIOLÊNCIA

O tema violência tem sido a principal preocupação para a maioria dos cidadãos, pois pouca gente escapa dos efeitos da mesma, quase todos têm uma história para contar. Inicialmente usado para definir a agressão, o uso da força física, o contacto humano directo e intencional, alarga-se para um universo de múltiplas expressões, vindo habitar as mais diversas esferas sociais, no espaço público ou privado, não só de forma física, mas também psíquica e simbólica, como define Michaud (1989, apud BOGHOSSIAN, 1999):

“há violência quando, em uma situação de interacção, um ou vários autores agem de maneira directa ou indirecta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”.

Como Fenómeno multicausal, a violência abriga factores internos e externos, aspectos qualitativos e quantitativos, dimensões particulares e gerais. Sua abordagem teórica e metodológica entrelaça saberes e práticas de várias áreas, devendo ser portanto foco de estudos multidisciplinares. Minayo citado por (BOGHOSSIAN, 1999) apresenta-nos uma categorização das distintas formas de violência, em que distingue Violência Estrutural, Violência Cultural, Violência de Resistência e Violência da Delinquência.

A Violência Estrutural vem referir-se à violência de âmbito socioeconómico e político e se expressa nas desigualdades sociais, nas expropriações das condições básicas de saúde, educação, habitação e emprego, nas exclusões social e moral de determinados grupos e classes.

Violência Cultural é o termo usado para designar as diferentes formas de discriminação racial e étnica, religiosa, de género, e de grupos sociais diversos, com a valorização de actos violentos para a solução de conflitos e diferenças. Ela apoia-se, em geral, na violência estrutural, reforçando-a e sendo reforçada por ela.

A Violência da Resistência abrange as diferentes formas de resposta à violência estrutural, por parte dos grupos, classes, nações e indivíduos oprimidos. Esta categoria é muitas vezes objecto de contestação e repressão, tanto por parte dos detentores do poder, quanto do ponto de vista filosófico, sob a alegação de que não seria adequado responder à violência com violência. No entanto, na sociedade, violência e justiça se encontram numa complexa unidade e, segundo as circunstâncias, pode-se identificar “uma violência que aniquila a justiça e outra que a restabelece.”

A Violência da Delinquência refere-se aos actos socialmente designados como criminosos, como fora da lei reconhecida numa dada sociedade. Sua análise precisa passar pela 55 Compreensão da violência estrutural e cultural, visto que a desigualdade, a alienação do trabalho e nas relações, o menosprezo de valores e normas, em função do lucro, o consumismo, o culto à força e o machismo são alguns dos factores que contribuem para a expansão da delinquência. Na sociedade, esta é a ordem de acções e representações mais comumente identificada com o termo “violência”. Numa visão reducionista e preconceituosa, se “criminaliza a pobreza”, colocando-se segmentos inteiros como suspeitos na promoção de actos violentos. Ainda em grande parte das teorias sobre a violência, ela aparece vinculada de forma unívoca à pobreza. Cruz Neto (1995, apud BOGHOSSIAN, 1999) afirma a importância de se negar a linearidade entre estes termos, pois que esta visão tende a fixar a origem da violência em certo tipo de pessoas (pobres) e espaços sócio-geográficos (favelas e periferias das grandes cidades), através de teorias fatalistas e maniqueístas, como numa espécie de “determinismo sociológico”, que define a pobreza como um meio social “carente de moralidade básica do humano”, ou “meio de cultura” para o aparecimento do criminoso. Autor explicita que tal relação existe sim, mas em dois aspectos centrais:

(1) de que são os pobres as maiores vítimas da violência estrutural; (2) de que são eles que perfilam as estatísticas de mortes violentas, configurando assim um grupo de risco para o extermínio em geral. Pobreza e miséria são, portanto, facetas da violência estrutural que, numa análise mais aprofundada, devem ser combinadas com outros tantos factores, como a violência cultural.

A violência e o maltrato no âmbito familiar se reconheceu como um problema social unicamente até 1960, quando alguns autores descreveram a síndrome do menino maltratado (ZALDIVAR, et. al., 1998). A conduta violenta, entendida como o uso da força para a resolução de conflitos pessoais, surge quando existe um desequilíbrio de poder, permanente ou momentâneo, no qual se estabelece uma relação de abuso. Por meio desse tipo de conduta, se busca submeter ou subordinar o outro membro da relação, ocasionando-lhe dano físico, psíquico e/ou económico.

As causas deste fenómeno são múltiplas, se tem assinalado factores como problemas de personalidade e de dinâmica interpessoal familiar, situações variadas como o nível de pobreza e o stress económico, assim como normas culturais que dão suporte a violência de género ou a provocada pela desigualdade social. Se estima que 75% de violência intrafamiliar correspondem a maltrato para a mulher, 2% de abuso para o homem e 23% a casos de violência cruzada.

Buvinic e outros (1999), classificam a violência segundo distintas variáveis: os indivíduos que sofrem a violência (mulheres, meninos, homens, velhos, incapacitados), os agentes da violência (turmas, narcotraficantes, jovens), a natureza da agressão (psicológica, física ou sexual), o motivo (político, racial, económico, instrumental, emocional, etc.) e a relação entre a pessoa que sofre a violência e a pessoa que a comete (parentes, amigos, conhecidos ou desconhecidos). Relatam ainda a violência instrumental e a emocional.

Violência instrumental: é aquela exercida para obter uma meta diferente da violência em si, ou seja, usa-se esse tipo de violência como instrumento para conseguir um objectivo sem nenhuma provocação prévia (CHAUX, 2003). A violência política e a relacionada a droga, são exemplos clássicos da violência instrumental.

Violência emocional (hostil ou expressiva), resposta agressiva, ao causar danos, é a meta em si, pois não persegue nenhum outro fim.

Falam também da violência doméstica e a violência social. Esta última ocorre na rua, em lugares públicos ou privados e, é em consequência a mais visível. A violência

social centra-se exclusivamente na força física. É definida como o uso ou ameaça de usar a força física, com a intenção de causar danos a outros ou a si mesmo.

Neste trabalho vou-me debruçar sobre a violência cultural, baseada em ritual da tradição ovimbundu com depoimentos de dois jovens que vivenciaram os factos e a minha própria experiência pessoal sobre a cultura Ekwendje. No país existe escassez de bibliografias nesta vertente cultura, por isso a única fonte disponível é a oral com base em dados empíricos.

3.1 TEORICAS EXPLICATIVAS SOBRE A VIOLÊNCIA

O termo violência merece maior destaque nas comunidades e sociedades, pois os efeitos que dele advêm preocupam bastante os cidadãos de vários estratos sociais. Castanyer (2000), refere que existe um duplo posicionamento ideológico e moral a respeito da violência em geral e, a violência masculina em particular. As teorias achadas para dar uma explicação a este problema podem dividir-se em dois grandes grupos: as teorias activas, que situam a origem da agressão nos impulsos internos e fala de uma violência inata, consubstancia a espécie humana, e as teorias reactivas que colocam a origem da agressão no meio que rodeia o indivíduo e a percebem como uma reacção de emergência frente aos acontecimentos ambientais ou sociais.

Por outro lado temos os firmes defensores da agressividade humana, autores que argumentam que o homem é, por instinto uma criatura agressiva e que é esta propensão inata a violência, que explica agressão individual ou de grupo do homem. Neste processo, o cérebro se caracteriza por uma capacidade geral altamente desenvolvida para a aprendizagem e isso é o que constitui a natureza inata do homínídeo. Na natureza humana, a conduta é de carácter a diferenças naturais inerentes. Neste sentido, negar que os factores hereditários jogam um papel no desenvolvimento da conduta é tão falso como crer que o factor hereditário determina a conduta humana, é dizer que a conduta humana está determinada pela herança. Naturalmente, se alguém nasce marcado hereditariamente pela agressividade e estabelecemos que sua conduta agressiva é inata, imediatamente lhe exibimos de culpa. Desta maneira não solucionamos o problema, nos limitamos a utilizar mecanismos mentais que reduzem sua perversidade e que ao mesmo tempo,

desviamos nossa atenção sobre as possíveis causas reais, propondo uma solução efectiva baseada no conhecimento real e não na tranquilidade das consciências. O mais notável da conduta humana é, precisamente, que é aprendida, que está baseada nas condutas de outros seres humanos e a violência não é uma excepção neste sentido.

Montoya (2005), a violência existe desde sempre: violência para sobreviver, violência para controlar o poder, violência para sublevar-se contra a dominação, violência física e psíquica.

Os etólogos, nas suas investigações sobre o comportamento inato dos animais, chegaram a conclusão de que o instinto agressivo tem um carácter de supervivência. Portanto, a agressão existente entre animais não é negativa para a espécie, senão um instinto necessário para a sua existência.

Charles Darwin, na sua obra “A origem das espécies por meio da selecção natural”, proclamou o Mono como pai do homem, argumentando que seus instintos de luta pela vida lhe permitiram seleccionar o melhor da espécie e sobrepor-se a natureza selvagem. A teoria evolucionista de Darwin descobriu que a natureza, em sua constante luta pela vida, não só refreava a expansão genética das espécies, senão que através dessa luta, sobreviviam os melhores e sucumbiam os menos aptos. Só assim pode explicar-se o enfrentamento existente entre espécies e grupos sociais, apenas o homem entra na história, selvagem impotente perante a natureza e no meio de uma certa desigualdade social, que com o transcurso do tempo, deriva na luta de classe.

Para Nicolás Maquiavelo, o próprio Friedrich Nietzsche, citados por (MONTROYA, 2005) a violência é algo inerente ao género humano e a guerra uma necessidade dos estados; no entanto para os pais do socialismo científico, a violência, fora de ser um produto da luta de classes, é um meio e não um fim, posto que serve para transformar as estruturas socioeconómicas de uma sociedade, mas não para eliminar o homem em si. Além disso, consideram que existe uma violência reaccionária, que usa a burguesia para defender seus privilégios, e outra violência revolucionária que tende a destruir o aparato burocrático-militar da classe dominante e socializar os meios de produção.

Os Psicanalistas consideram que a violência é produto dos mesmos homens, por ser desde um princípio seres instintivos, motivados por desejos que são o resultado de apetências selvagens e primitivas. “Os pequenos, assinala Anna Freud-

, em todos os períodos da história têm demonstrado traços de violência, de agressão e destruição (...) as manifestações do instinto agressivo se acham estreitamente amalgamadas com as manifestações sexuais” (FREUD, A., 1980 apud MONTOYA, 2005).

Sigmund Freud e Konrad Lorenz citados por (MONTOYA, 2005), compartilham a ideia de que a agressão pode descarregar-se de diferentes maneiras. Por exemplo, praticando algum desporto de luta livre ou rompendo algum objecto que está ao alcance da mão. Se Lorenz aconselha que o amor é o melhor antídoto contra a agressividade, Freud afirma que os instintos de agressão não aceitados socialmente podem ser sublimados na arte, religião, ideologias políticas ou outros actos socialmente aceitáveis.

O psicólogo Albert Bandura, de acordo com Montoya (2005), estima que o comportamento humano, mais que ser genético ou hereditário, é um fenómeno adquirido por meio da observação e imitação. Em idêntica linha se manteve Ashley Montagu, para quem a agressividade dos homens não é uma reacção senão uma resposta: o homem não nasce com um carácter agressivo, senão com um sistema muito organizado de tendências para o crescimento e o desenvolvimento de seu ambiente de compreensão e cooperação.

John Lewis, no seu livro “Homem e Evolução”, rebate a teoria sobre a agressividade inata, assinalando que não existem razões para supor que o homem seja movido por impulsos instintivos, já que “não existe testemunho antropológico algum que corrobore essa concepção do homem primitivo considerado como um ser essencialmente competitivo. O homem, ao contrario, tem sido sempre por natureza mais cooperativo que agressivo. A teoria psicológica de Freud, afirmando a indiscutível base agressiva da natureza humana, não tem validade real alguma” (LEWIS, 1968 apud MONTOYA, 2005).

A natureza humana, como expressou (MONTAGU, 1968 apud GENOVÉS, 2011), é o que o homem aprende para chegar a ser um ser humano. Somos os únicos seres com cultura. Não obstante, esta cultura nasce, desde logo a partir de outras formas de comportamento que encontramos no mundo animal. Mas como nasce, por um lado, e como se desenvolve e cambia por outro lado, são de facto, os processos bem distintos. Uma vez em processo de desenvolvimento, a cultura não só recobre o homem, senão que é parte do homem. É o homem. Está integrada a

ele desde o nascimento pelas relações extra biológicas entre o que nasce e os que lhe deram vida.

O trabalho sobre ekwendje, foi desenvolvido embasando-se na teoria sobre a violência de Konrad Lorenz por afirmar que a cultura é um sistema de ritos e normas sociais de formação histórica e transmitidos de geração em geração, porque emocionalmente vemos neles valores. Assim como a teoria de Genovés por referir-se que a cultura não só recobre o homem, senão que é parte do homem.

3.3 EKWENDJE OU EVAMBA (CIRCUNCISÃO)

Ekwendje é uma cultura (tradição) praticada na tribo Ovimbundu de dialecto Umbundu no centro e sul de Angola, nomeadamente nas províncias do Bié, Huambo, Benguela e parte da Huíla e Namibe com o mesmo dialecto. Os adolescentes de 12-17 anos de idade ou até indivíduos de maior idade caso tenha se atrasado, organizam-se em grupos para passar por esta fase que dura de 30 a 45 dias, ou seja, um mês e meio. A tradição é comum a ambos géneros, mas os do sexo masculino são os mais afectados.

Tudo começa porque nas aldeias (povoações), existem manifestações culturais e recreativas aos fim-de-semana, ou ainda festas próprias organizadas chamadas “OKayongo ou Otchitelengo”, onde a principal figura de animação é o Tchingandji (palhaço), uma vestimenta manufacturada pelos populares conhecedores da cultura usando como matéria-prima o sisal (obavandi). Só podem chegar próximo a essa figura do Tchingandji indivíduos que tenham passado pela fase de Ekwendje, para tal a ida é livre ou recrutada (Tchindemba, 2013).

A ida é livre quando os adolescentes se organizam e vão ter com o profissional que faz o corte do prepúcio aos interessados, usando para o efeito uma faca afiada, lâmina ou tesoura, sem anestesia, normalmente é feito de manhã cedo ou a tardinha nos meses de Junho e Julho, época de muito frio. Para a cura do ferimento medicamento meramente ervanário, ou seja, folhas, raízes e caules de plantas naturais.

A ida recrutada acontece quando há uma celebração cultural e recreativa com batuque (objecto cultural que emite som), indivíduos que não conhecem a tradição de Tchingandji e que se aproximam em saudação ao palhaço, uma vez descobertos

são apanhados e levados para o local do corte (Ondjo ya passeko), onde o mestre executa a acção.

No sudoeste de Angola (Huíla e Namibe), são os mais velhos da aldeia ou povoação que traçam o plano e os adolescentes em idade são pegos de surpresa pelo palhaço em plena actividade cultural e recreativa e, levados para o local onde são cortados a sangue-frio com os objectos já referenciados. Sempre que saíssem para ir as actividades de rotina, podiam cruzar com um dos seus familiares só eles é que viam, mas os familiares não (JOSÉ MARIA, HINGOMBE, 2013).

Tanto os que vão por vontade própria para conhecer a essência dessa tradição como os recrutados por uma anomalia, tornam-se um só grupo e passam a residir na mesma cabana fora da aldeia chamado Etambo ou Etanda, onde vivem durante os 30 ou 45 dias até a cura total do ferimento. Postos ai a primeira coisa a ser feita é mudar o vestuário, transformar as calças em saia, é atribuído a cada um cinto com 40 nó chamado corrente “eliengue yo komukanda”amarrado a cintura do indivíduo. Quem lhe perder essa corrente (corda de pano) paga um boi. É preciso pagar para desfazer esta corrente, o pagamento pode ser feito em dinheiro ou em ratos, de maneira que cada nó corresponde a um rato. É necessário que cada um dos principiantes “otchindanda” monte armadilhas no campo para apanhar ratos e pagar para se livrar da corrente. Não há chorar por causa do sofrimento, quem o fizer lhe é entregue um garrafão ou litro vazio para encher com lágrimas, caso contrario paga multa, além de sofrer tortura física com dois paus cruzados em forma de cruz chamado “omuvanda”.

3.4 MOTIVOS QUE LEVAM OS ADOLESCENTES AO EKWENDJE

Culturalmente, dizem os mais velhos que o individuo não circuncisado é mole, lento, não tem responsabilidade, não é bravo e não toma decisão em situações da vida, razão pela qual muitos adolescentes preferem evitar esse mito passando por evamba, além de outros factores que abaixo se indicam:

- 1- Não passar vergonha diante do público em festas ao fugir do palhaço;
- 2- Uma questão de higiene, porque se retira o prepúcio;
- 3- É uma questão de conhecimento da tradição em causa (curiosidade).

3.5 TRATAMENTO DURANTE O PERÍODO DO EKWENDJE

Todos os dias as 4 ou 5 horas da manhã vai-se ao rio (koluvandula) para o banho, numa lagoa em que sentado a água chega ao peito ou mesmo ao pescoço, mas ela fria, de lembrar que o processo acontece sempre nos meses de inverno tempo em que se registam temperaturas muito baixas. Fica-se sentado na água durante 30 minutos depois procede-se o curativo, lavar o ferimento com folhas rugosas e coloca-se o medicamento ervanário.

Durante a estadia no etambo, recebe-se visitas de outras pessoas conhecedoras da tradição, qualquer coisa que o visitante pedir têm que dar caso contrário sofrem uma agressão sem precedentes. As vezes faz perguntas em relação os costumes da tradição ekwendje, quem não responder devidamente também apanha. A visita familiar não é permitida, apenas de pessoas que comungam a prática. Não se pode falar português apenas dialecto umbundu, anda-se todo tempo descalço, cortam o cabelo, não se escova a boca nem tomam banho em condições normais, salvo nos dias do curativo. A noite ao dormir coloca-se dois paus cruzados entre as pernas, para evitar o contacto das duas e consequentemente ferir o pénis doentio.

Ao entrar para o período do cumprimento de ekwendje, os principiantes interrompem os vínculos com os seus familiares e amigos; também renunciam todas as apetências sociais: álcool, tabaco, família e sexo (AGOZINO E CONSENTINO). O grupo cumpre uma determinada doutrina, ficam isolados e a alimentação é de baixas calorias, com duras condições de vida na comunidade (etambo ou etanda).

3.6 ALIMENTAÇÃO DURANTE O EKWENDJE

Os familiares ou os pais trazem sempre alimentação, cada um para o seu filho ou parente, mas nem sempre chega ao destinatário porque o homem da recepção ou mesmo o responsável desvia e dá para eles a batata-doce ou mandioca fervida sem sal nem óleo; a orientação é que não se come sal, óleo, carne ou outra comida saborosa e açucarada. As vezes mesmo a comida sem sal trazida pelos parentes desde que seja boa também é desviada.

A comida vinda de casa normalmente é colocada num único recipiente para todos consumirem, dias há que coloca no chão, chamam-no “elonga yo puto” todos

comem aí sem excepção, qualquer comida que chegasse comia-se fria posta no balaio.

Cada indivíduo iniciante tem um responsável particular chamado “cunhado”, além do responsável geral, que lhe segurou na altura do corte do prepúcio, a quem deve toda obediência e respeito, é a ele a quem paga para desfazer a cada um dos nós da sua corrente (eliengue). No final de tudo, isto é, depois do exame final devolve-lhe o pedaço do prepúcio cortado que conservou durante o tempo do ekwendje, é uma norma fazê-lo. Cabe ao indivíduo dono do pedaço dar destino do seu prepúcio seco.

3.7 ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O EKWENDJE

Durante o tempo que se permanece fora do convívio familiar cumprindo o ritual do ekwendje, desenvolve-se muitas actividades como pesca, caça, trabalho no campo do responsável máximo do etambo e não só, aprende-se a fazer armadilhas para fins de caça, recebem ensinamentos ou instruções de como se deve comportar na convivência com uma esposa, como ser um bom pai, como fazer sexo entre outros, enfim, é uma verdadeira escola para a preparação da vida adulta.

3.8 ENSINAMENTOS DURANTE O EKWENDJE

Durante os 30 ou 45 dias que se fica para a cura da ferida cumprindo todos requisitos da tradição, aprende-se alguns ensinamentos todos os dias, o Waheno e o Milyata, espécie de oração do ekwendje, onde a pessoa aprende as partes que constituem a vestimenta do palhaço, assim como o elumbo que são os sinais de identificação para quem passou pela tradição. Cada um além de saber os nomes das partes do palhaço é obrigado a construir um facto das vestes do honrado palhaço.

Em qualquer situação da vida onde cruze com o palhaço (Tchingandji), ele procura identificar-te através dos sinais o relato do Waheno e o Milyata, caso não consiga satisfazê-lo passam para os sinais, o elumbo; há casos em que pede guia, ou seja, mostrar o sexo circuncidado.

3.9 EXAME FINAL DA TRADIÇÃO EKWENDJE

Durante o tempo em que o indivíduo ficou no etambo com ferida chamava-se tchindanda, depois de o ferimento curar e absorver os ensinamentos da cultura, isto é, a oração e os sinais de ekwendje passa a chamar-se tchihala até que chegue o dia do exame final, após o qual chamar-se-á tchihengue, significa que está pronto para a subcultura.

O teste final consiste em os antigos na tradição formarem duas filas dum e de outro lado, fechados nas extremidades por dois palhaços todos com chicotes e paus. O examinando passa por esse corredor duas vezes, em alta velocidade e, estes batem-no. A terceira vez o palhaço faz perguntas em relação aos ensinamentos aprendidos durante o tempo de tchindanda através de sinais (o Waheno e o Milyata), bem como outros sinais de identificação. Salientar que em Angola cada tribo, ou seja, grupo etnolinguístico com a sua tradição na vertente Tchingandji “Mukanda la mukanda munani wavo”.

Após o exame, antes de se acompanhar cada indivíduo recém-formado (tchihengue) em sua casa junto da família por um palhaço, faz outro teste para experimentar o sexo circuncidado no caule de uma bananeira furada como se fosse uma mulher para aprumar o órgão curado, chamando o teste de “Okukañgula”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que está expresso no trabalho, é verdade que violência não implica necessariamente força física contra uma outra pessoa, pode ser psicológica, sexual ou até moral, podendo também ser praticada não só por parentes, como por amigos, conhecidos e desconhecidos. O ekwendje, apesar de ser uma cultura inerente a tribo e praticada desde os nossos antepassados é uma violência, embora não seja do domínio de todos devido a sua natureza e o lugar onde é praticado. Pelos mal tratos que a pessoa passa, quando regressa ao convívio familiar alguma alteração comportamental verifica-se, ou seja, o indivíduo já não é o mesmo. Não é que passa a ser agressivo fruto da cultura recebida, mas sim alguma maturação para a vida apresenta e insere-se á sociedade com uma outra dinâmica. Que futuras

investigações tratem de buscar dados de ekwendje em outras tribos para comparar os procedimentos usados durante o mesmo.

Referências Bibliográficas

AGOZINO, Adalberto C.; Cosentino, Graciela L. : La violência ritual colectiva; Ciencias Sociales, Buenos Aires 2009.

ALSINA, Cristina; Castanyer, Laura Borrás: A violência, Nuevas Masculinidades, 2000.

BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon: Vivencias de violência em Vigário geral: Experiências de gerações. Rio de Janeiro Março, 1999.

BUVINIC, Mayra; Morrison, Andrew; Shifter, Michael: La violencia en América Latina y el Caribe: Un marco de referência para la Acción, Washington D.C, 1999.

CHAUX, Enrique: Agressión Reactiva, Agressión instrumental y el ciclo de la violencia. Revista de estudos sociais nº 15, Junio de 2003, 47-58.

GENOVÉS, Santiago: La agresión y la violencia "innatas", Anales de Antropologia, 2011 – 132. 247. 146. 34

MONTOYA, Víctor: Teorias de la violencia humana, sincronia, 2005.

ZALDIVAR, Gloria Alvarado; Moysen, Jaime Salvador; Martinez, Sergio Estrada; Gonzalez, Alberto Terrones: Prevalencia de violencia domestica en la ciudad de Durango; Salud publica Mex. 1998; 40: 481-486.